

REFLEXÕES ACERCA DO CURRÍCULO E DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO

Juarez Silva Sampaio(1)

**(1) Professor de Educação Física, Mestrando em Educação Agrícola- UFRRJ
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IF/Baiano - Campus Santa Inês.
Endereço: Rua Manoel Rodrigues, 123, Centro – Santa Inês – Bahia CEP: 45320000
email: ju.ba@ig.com.br**

RESUMO

O presente artigo trata de reflexões acerca do currículo e da educação física escolar do ensino médio, analisando o processo de ensino-aprendizagem do componente curricular educação física, situando os objetivos e conteúdos desta prática pedagógica. Apresenta também uma análise sobre a Educação Física, destacando o processo ensino-aprendizagem como um todo, a partir do estudo do currículo, dos aspectos afetivo-sociais da cultura corporal, dos valores humanos e éticos presentes neste componente curricular, situando também a sua contribuição para a formação humana do educando. Conta ainda com uma reflexão acerca da análise pertinente ao currículo e transferência educacional; conceito de currículo; o currículo como fonte de difusão ideológica e intencionalidade; o currículo como fonte de difusão cultural; o currículo como fonte de poder; o conceito de currículo oculto; currículo formal e currículo em ação; PCNEM Educação Física e Educação Física: dar uma nova formatação ou manter o modelo antigo.

Palavras-chave: Educação Física, Currículo, ensino-aprendizagem

1 INTRODUÇÃO

Este artigo situa-se no campo de ação dos estudos de currículo, especificamente no debate sobre a Educação Física.

Apresentamos a seguir diversas formas de elaboração de currículo, além de constataremos inúmeras contradições entre o discurso e a realidade do currículo em Educação Física. Foi a partir desta tarefa que confirmamos nosso entendimento de que o currículo deve ser compreendido do ponto de vista do conceito básico que, segundo Sacristán (2000), está representado pelo equilíbrio de interesses de forças presentes no contexto escolar. Além desses interesses aparecem outros princípios que devem ser observados, como o da transformação, da transferência educacional, da ideologia, da cultura, do poder, da relação formal e da ação, da intencionalidade e do currículo oculto. E quando consultamos os PCNEM Educação Física (1999), percebemos que a autonomia é uma palavra recorrente no texto e aponta para a presença de incentivo ao aprendizado autônomo e cidadão.

2 CONCEITO DE CURRÍCULO

Segundo Pacheco (2005, p.35) “o lexema currículo, proveniente do étimo latino *currere*, significa caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir.

A busca incessante e eminente nas discussões a respeito do tema currículo ganha destaque no meio acadêmico. Este elemento da educação desenha-se no ambiente das discussões, como um meio que pode passar para as futuras gerações conceitos, relações, culturas, valores, ideologias e ligações com diferentes saberes da sociedade. Pacheco (2005, p.15) afirma que o “*currículo é o centro da atividade educacional e que o mesmo assume o papel normativo de exigências acadêmicas, mas não deve estar totalmente previsível e calculado*”.

Na aplicação do termo à educação, o currículo, tradicionalmente, significa uma relação de componentes, com seu corpo de conhecimentos organizados sequencialmente em termos lógicos. Devido à evolução das

sociedades, os currículos se moldam de acordo com as diferentes concepções de educação e escola, correspondendo à necessidade e organização de determinada sociedade num dado momento histórico.

Na visão de Sacristán (2000), currículo está representado pelo equilíbrio e os interesses de forças que estão presentes no espaço escolar, e por meio dele executam os fins para qual a educação e a escola se propõe. O currículo, pela forma que nos é apresentado ou que se faz presente na escola, foi historicamente construído e enraizou-se no ambiente escolar através da conspiração cultural, cidadã, política, social e escolar, estando carregado de valores e pressupostos que é preciso decifrar.

2.1 Currículo e transferência educacional

Segundo Lopes & Macedo (2005), as primeiras preocupações com o currículo, no Brasil data dos anos 20. Até a década de 80 o currículo era caracterizado pela transferência, que servia como instrumentos de teorizações americanas. E a transferência tinha como ponto principal a apropriação das ideias e sentimentos alheios, neste caso os da sociedade norte-americana (em especial a estadunidense), e estabelecendo direção facilmente utilizável na função a que se destina.

Ainda para Lopes & Macedo (2005), foi a partir da década de 80, com a redemocratização do Brasil e o fim da Guerra Fria, que a supremacia das alusões ao modelo facilmente utilizável dos norte-americanos foi enfraquecida. Foi aí que o movimento com um cunho ideológico ganhou força e estabeleceu uma nova vertente à do Marxismo. Neste mesmo período, no Brasil, dois grupos começam a estabelecer diálogo com a pedagogia histórico-crítica (Saviani) e a pedagogia do oprimido (Paulo Freire). Com esse diálogo e tensionamento político entre essas duas correntes pedagógicas, o currículo passa a ter características da cultura brasileira.

Moreira (2008) traz o diálogo com relação ao conceito de transferência educacional onde ele define que existe um movimento de ideias, de modelos institucionais e de práticas de um país para o outro, transportando bens culturais. A ação da transferência educacional se dá numa perspectiva de submeter os povos colonizados aos interesses dos colonizadores. Na ocorrência da transferência educacional, valores e teores de vida passam a ser derivados de civilização pertencente a outras experiências e não à experiência local.

2.2 O currículo como fonte intencional de difusão ideológica

A ideologia de classe está presente no currículo. Na visão de Moreira & Silva (2008), a presença da ideologia no espaço escolar se dá de forma implícita e com característica da divisão de classes que organizam a sociedade e suas relações de poder que legitimam estas divisões. O que caracteriza a ideologia presente no currículo é a realidade em torno da qual as ideias da classe situada em vantagens na organização social se articulam e se movimentam dentro do espaço escolar. A presença da ideologia no contexto escolar e na estrutura curricular é muito importante para a manutenção das vantagens relacionadas a essa posição privilegiada. Nesta perspectiva, a ideologia aparece não como um conceito de verdade ou mentira e sim, como elemento de manutenção da hegemonia da classe dominante. Consequentemente, a ideologia reproduz e produz o diálogo da sociedade que ela representa.

A ideologia presente no contexto curricular traz a ideia da classe que detém as benesses. Segundo Moreira & Silva (2008), o conhecimento institucionalizado em currículo atua para produzir e reproduzir identidades individuais e sociais no interior das instituições educacionais.

Em se tratando de intencionalidade curricular, os autores afirmam que tal processo decorre a partir da intenção política. Seguindo este panorama, podemos afirmar que não existe currículo sem intencionalidade.

O currículo é um conjunto de ações de construção sociocultural, exercido pelas relações de poder que envolvem todo tecido social. Ao escolher os saberes que farão parte de determinado currículo, estamos pondo em prática saberes que refletem nossa própria constituição, nossa identidade. Essas seleções serão decorrentes do tipo de cidadão que queremos formar, logo, não existe currículo neutro, ele sempre é carregado de intencionalidade.

2.3 O currículo como fonte de difusão cultural

Em estudo realizado por Moreira & Silva (2008), a escola, a educação e o currículo são formas institucionalizadas de transmissão de cultura pertencente a um contexto de uma determinada sociedade. A

cultura não é apenas transmitida ou produzida, ela é parte integrante de um processo de produção e criação de sentidos e significados de sujeitos. O currículo pode ter a intenção de transmitir uma cultura preestabelecida, mas este contexto cultural se dá em ambiente com realidades ativas, dinâmicas.

O currículo em uma sociedade cheia de conflitos de classes, com desigualdades tão aparentes como a nossa, passa a ser o espaço das contradições, onde a luta pela superação ou a permanência das desigualdades sociais e da divisão de classes podem estar presentes em sua estrutura oculta. Este conflito está presente no currículo a todo o momento.

Assim, a escola deve pensar as respostas para a pluralidade cultural da sociedade, criando um espaço onde a diversidade cultural ganhe legitimidade e possa fazer parte do cotidiano da escola e do currículo que apresente um conjunto de vivências viáveis para a inserção de conteúdos que contemplem as variações culturais.

2.4 Currículo como fonte de poder

Para conceituar currículo e poder podemos recorrer a Moreira & Silva (2008), principalmente quanto à relação social de poder estabelecido aos sujeitos ou grupos que estão submetidos à vontade e a opinião de outros. Assim, o currículo está concentrado e envolvido em relações de poder. Ele é tanto resultado das relações de poder como referencial destas relações. Está no centro das relações de poder, e cabe a seus atores questionar que lugar ele ocupa nas relações hegemônicas e de que forma ele produz identidades sociais que ajudam a prolongar as relações de poder existentes. Além deste questionamento, Moreira e Silva (2008) trazem outras questões como: quais são as relações de classe, etnia, gênero, que fazem com que o currículo seja o que é e que produza o efeito que produz? Qual o papel dos elementos da dinâmica educacional e curricular envolvidos nesse processo? Qual o nosso papel, como trabalhadores culturais da educação, nesse processo? Estes questionamentos aplicados no momento de primeiro contato do professor com o seu ambiente escolar servem de parâmetro ou balizamento das forças dominantes estabelecidas no currículo.

2.5 O conceito de currículo oculto

A escola pode formar cidadãos tanto para a submissão e a passividade quanto para a liberdade e a participação social. Contudo, tanto o ensino da submissão e do individualismo quanto da autonomia e da solidariedade ocorrem muito mais através do que se chama de “currículo oculto”.

Conforme Pacheco (2005, p.54), “*o currículo oculto encerra duas idéias principais: o que os alunos aprendem com a experiência social da escola; e a imprevisibilidade da ação pedagógica*”.

O currículo oculto é abrangedor das convivências e das experiências construídas no cotidiano dos estudantes. Em alguns casos produz um efeito positivo em algumas pessoas, resultando em sucesso nas atividades escolares; enquanto que em outras pessoas pode constituir um dos fatores que levam ao fracasso escolar.

Segundo Giroux (1997), o currículo oculto tradicional é contrário aos objetivos declarados no currículo oficial, ao invés de preparar os estudantes para refletirem criticamente e tomar parte no mundo a fim de mudá-lo, prepara o cidadão para a mão-de-obra servil e burocraticamente organizada.

Giroux (1997) continua argumentando que no currículo oculto estão presentes normas, valores e crenças não declaradas que são impedidas aos estudantes através da estrutura subentendida e escondida no discurso e nas ações de uma aula. Adiante disso o currículo oculto atua como opositor às metas declaradas do currículo formal, muito embora o currículo oculto não possa ser completamente modificado ou eliminado, podemos fazer dele um instrumento que ajude os estudantes a se tornarem mais participativos e atuantes sobre suas realidades.

2.6 Currículo formal e currículo em ação

Macedo (2006) teoriza que o currículo apresenta duas formas: currículo formal e currículo vivido e que as duas formas precisam ser compreendidas do ponto de vista mais amplo. O currículo formal teria definições de matriz fenomenológica e se constituiria como saber socialmente prescrito a ser dominado. Este modelo fica caracterizado como algo que não apresenta traços de dinamicidade e sim certo engessamento das relações dinâmicas no contexto escolar. Pode apresentar elementos da ação do estado como aparelho ideológico, onde a atuação do professor e da escola passa a ser de um diálogo mecanicista regido por normas e leis externas.

O contexto do currículo em ação ou dinâmico, vivido e ativo, passa a ser a parte na qual as experiências, a cultura e a história construída pelos estudantes convertem-se em valores significativos na construção do saber. A construção do saber se dá entre professores e estudantes. Neste contexto, o currículo vivido valoriza a cultura produzida pelos sujeitos do currículo no cotidiano em que a prática curricular se dá. O currículo é tratado como prática de ação coletiva dos sujeitos. Este mesmo currículo deve ser pensado a curto, médio e longo prazo.

Pensamos que numa escola onde o currículo vivido tem prevalência, a simbologia das relações de trabalho, o ambiente, o respeito à coisa pública, toda produção simbólica sejam fatores de construção de todos os professores, estudantes e trabalhadores em educação como protagonistas da escola.

2.7 Currículo e Educação Física

Em relação aos conteúdos curriculares da educação básica, o artigo 27 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece a orientação para o mundo do trabalho como elemento importante para formação dos estudantes de ensino médio, entendendo que o mundo do trabalho não seja apenas a formação específica da mão-de-obra. Existem outros elementos do cotidiano do trabalhador que merecem atenção especial pela composição dos conteúdos da formação. O conhecimento sobre as leis trabalhistas, relações do mundo do trabalho, os deveres das profissões e a cidadania devem estar presente na composição curricular. Considera a condição de escolaridade como fator a ser levado em conta quando na forma da estrutura curricular.

Kuenzer (2002, p.122), manifesta-se sobre a forma como a Educação Física deverá se desenvolver na escola:

[...] “A Educação Física se desenvolverá na escola por meio de uma programação de atividades físicas que possam garantir aos educandos a percepção integral do seu corpo, a importância do movimento para sua saúde física, intelectual e emocional, bem como a compreensão crítica dos problemas que limitam seu bem-estar e a qualidade de vida das pessoas”.

Para o Coletivo de Autores (1992, p.40), a expectativa da Educação Física é de compreensão da cultura corporal e da sociedade na qual o corpo está inserido.

[...] “A expectativa da Educação Física escolar, que tem como objeto a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos, a emancipação negando a dominação e submissão do homem pelo homem”.

3 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAL PARA O ENSINO MÉDIO (PCNEM) E A EDUCAÇÃO FÍSICA.

A Educação Física no espaço escolar deve estar atenta para as competências a serem desenvolvidas nos estudantes no sentido de compreender e usar a linguagem corporal como importante e para a própria vida, integradora social e formadora da identidade; identificar em seu grupo as manifestações corporais de movimento como originárias de necessidades cotidianas de um grupo social; considerar necessário a transformação do uso corporal em função das necessidades sinestésicas; admitir a linguagem corporal como meio de ação que interage socialmente, respeitando os limites de desempenho e as alternativas de adaptação para diferentes indivíduos, torna-se uma forma necessária à Educação Física no processo de ensino aprendizagem.

A Educação Física presente no ensino médio usualmente reproduz os programas do ensino fundamental, onde os fundamentos de alguns esportes e a execução dos gestos técnicos esportivos são tidos como o conteúdo a serem seguidos. É como se a Educação Física se limitasse a estas práticas. Entendemos que estas práticas não devam ser desprezadas no espaço escolar, mas, sim, devemos dar um novo sentido a elas. No universo da Educação Física existe uma variedade muito grande de aprendizagens que podem ser

conquistadas pelos estudantes. Estas variações e possibilidades devem apontar para os estudantes a direção para a formação humana. De acordo com os PCNs

[...] Atualmente entende-se que a Educação Física, como disciplina escolar, deve tratar da cultura corporal, em sentido amplo: sua finalidade é introduzir e integrar o aluno a essa esfera, formando o cidadão que vai produzir, reproduzir e também transformar essa cultura. Para tanto, o aluno deverá deter o instrumental necessário para usufruir de jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.(p.132)

A linguagem corporal é classificada em jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas. (existem outras classificações – como as utilizadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1998), que, além dessas atividades, contemplam o conhecimento sobre o próprio corpo como categoria específica). Essas práticas apresentam especificidades próprias, que foram organizadas e construídas ao longo da história, de maneiras diferenciadas. Nas aulas de Educação Física, portanto, seria interessante oferecer condições para que os estudantes compreendam as diferenças e semelhanças entre as diversas categorias de práticas corporais.

Seguindo as competências para a área de Educação Física, é necessário que o estudante compreenda e use a linguagem corporal como relevante para a própria vida, integradora social e formadora da identidade.

E que estes sujeitos entendam e estudem as práticas corporais: a linguagem corporal como integradora social e formadora de identidade – performance corporal e identidades juvenis; possibilidades de vivência crítica e emancipada do lazer; mitos e verdades sobre os corpos masculino e feminino na sociedade atual; exercício físico e saúde; o corpo e a expressão artística e cultural; o corpo no mundo dos símbolos e como produção da cultura; práticas corporais e autonomia; condicionamentos e esforços físicos; o esporte; a dança; as lutas; os jogos; as brincadeiras.

Para os PCNEM (1999), a Educação Física como componente integrante da estrutura curricular da escola deve fazer uso da cultura corporal no sentido de formar o cidadão para transformar a cultura e estabelecer novos meios de convívio com os elementos culturais. O estudante deve estabelecer o novo sentido para as aulas de Educação Física no contexto de suas vidas.

[...] Atualmente entende-se que a Educação Física, como disciplina escolar, deve tratar da cultura corporal, em sentido amplo: sua finalidade é introduzir e integrar o aluno a essa esfera, formando o cidadão que vai produzir, reproduzir e também transformar essa cultura. Para tanto, o aluno deverá deter o instrumental necessário para usufruir de jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. No ensino médio, frequentemente as aulas de Educação Física costumam repetir os programas do ensino fundamental, resumindo-se às práticas dos fundamentos de alguns esportes e à execução dos gestos técnicos esportivos. É como se a Educação Física se restringisse a isto. Não se trata evidentemente de desprezar tais práticas no contexto escolar mas, sim, de ressignificá-las. Há uma variedade enorme de aprendizagens a serem conquistadas, bem como propostas de reflexão sobre as diferentes formas de atuação do professor na condução do ensino, tendo em vista uma formação de acordo com as novas proposições para a Educação Física no ensino médio. (p.139)

Para os PCNEM (1999), o componente curricular Educação Física deverá proporcionar aos estudantes ambientes favoráveis à sistematização e à autonomia de forma articulada às experiências comuns e possibilitar a compreensão da linguagem corporal com interatividade social com os outros. As linguagens como meio de expressão, informação e comunicação devem estar presentes nas aulas de Educação Física.

[...] Esta dimensão cognitiva (crítica) far-se-á sempre sobre esse substrato corporal, mas só é possível com o recurso da língua. Por isso, embora não único, a palavra é instrumento importante para o professor de Educação Física. A linguagem verbal deve auxiliar o aluno a compreender o seu sentir corporal e seu relacionar-se com os outros e com as instituições sociais de práticas corporais (p.149)

Quanto à autonomia, os PCNEM (1999) estabelece que o professor deva oferecer condições necessárias ao desenvolvimento da autogestão dos estudantes perante os problemas que a vida lhes impõe. O professor facilita, estimula e lança desafios no sentido de estabelecer um aprendizado autônomo.

[...] A autonomia dos alunos pode ser estimulada quando o professor lhes oferece possibilidade de escolherem os times, definirem os agrupamentos, distribuí-los pelo espaço, participarem da construção e adequação de materiais, da elaboração e modificação das regras etc. Inclui-se ainda o espaço para discussão das melhores táticas, técnicas e estratégias. Em outras palavras, a autonomia é facilitada quando se estimula o aluno a participar das discussões e reflexões em aula. (p.162)

4 EDUCAÇÃO FÍSICA: DAR UMA NOVA FORMATAÇÃO OU MANTER O MODELO ANTIGO.

Para refletirmos melhor sobre as possíveis mudanças que podem ser realizadas no componente curricular Educação Física, presente no ensino integrado profissionalizante, temos que fazer uma releitura do termo ideologia aplicado à Educação e à Educação Física. Podemos entender ideologia como uma reunião de partes articuladas de ideias, valores, opiniões, crenças, etc., que se manifestam e dão força às relações que podem estabelecer unidade com determinado grupo social (classe, partido político, seita religiosa, etc.) seja qual for o grau de consciência que disso tenham seus portadores. Ideologia pode também ser um sistema de ideias fundamentadas e organizadas como um instrumento de luta política, conjunto de ideias características de um grupo, de uma época, e que traduzem uma situação histórica.

No campo das ideias e da luta política daqueles que fazem a Educação Física escolar, principalmente no ensino profissionalizante, há um tensionamento quanto ao modelo de continuação da hegemonia de sociedade, refletindo e influenciando na ideologia da Educação Física, ou, manobrando, redirecionando e lançando a probabilidade de construção uma Educação Física com ideias de unidade entre as classes ou ainda a de formação uma classe menos desigual.

A Educação Física desenvolvida no modelo de continuação, ou o que Ferreira (1984) chamou de modelo de reprodução, tem uma especialidade acrítica, tanto da realidade e representações internas, caracterizadas pela construção da sua história, quanto das condições econômicas, sociais e culturais, que constituem a realidade externa. Nesta realidade o esporte é valorizado como o fazer pedagógico ideal para a Educação Física na escola, reproduzindo a ideologia da classe dominante. Nessa concepção, a Educação Física na escola serve para manter e fortalecer as desigualdades sociais.

Como contraponto, Ferreira (1984) apresenta a perspectiva de transformação da Educação Física escolar, que pode ajudar o indivíduo em sua reflexão da realidade, transformando a sua compreensão das experiências vividas no mundo que o rodeia. Assim, a Educação Física torna-se um mecanismo pelo qual os sujeitos tomam consciência e se nutrem com a prática consciente dos esportes e das atividades físicas, fazendo nascer a dialética, facilitando assim a aprendizagem e a avaliação dos resultados. De forma simples, a realidade se transforma na medida em que se transforma a compreensão que o estudante tem de sua vivência.

5 CONCLUSÃO

Verificamos que o currículo estabelecido na Educação Física está representado, como afirma Sacristán (2000), por um campo de estabelecimentos de interesses e de forças que estão presentes no espaço escolar. Assim, nesse estudo ficou à mostra as intenções e o poder que a educação tem na organização da sociedade.

O estudo colocou em evidência a transferência educacional existente nos programas das escolas e traz a discussão sobre a apropriação das ideias e sentimentos alheios e não a convivência direta com a realidade da qual a escola faz parte. Também mostrou que a ideologia presente no currículo legitima a divisão de classes e a relações de poder que é caracterizada pela realidade na qual as ideias de classe estão situadas dentro do espaço escolar. Fica evidente que a escola, a educação e o currículo são formas institucionalizadas de transmissão de cultura.

De acordo com este estudo, o currículo oculto é abrangente e estabelece conexões com a convivência e as experiências construídas no espaço escolar e referem-se às atitudes e comportamentos diante da vida e dos outros.

Prosseguindo, o presente artigo contextualiza o currículo em: currículo formal e currículo em ação – o primeiro, de cunho burocrático e formal, sem dinamicidade, limita a escola e o professor a um diálogo mecânico e regido por leis externas. O segundo – currículo em ação ou currículo vivido –, em que deve prevalecer a simbologia das relações de trabalho e em que a construção simbólica deve ser efetivada pelos professores e estudantes, estabelecendo assim uma atmosfera dinâmica do currículo e que isso leve a construção do conhecimento.

Consoante as discussões desse artigo, constatamos que o currículo apresenta intencionalidade, que o mesmo não existe sem o caráter intencional e político e que a sua influência na formação do cidadão está atrelada às decisões, e que não existe currículo neutro.

Através desse estudo ficou evidente que a Educação Física atrelada à proposta pedagógica da escola é uma área de conhecimento que trata da cultura corporal e do movimento humano e que essa disciplina deve dar oportunidade aos estudantes para desenvolverem suas potencialidades, o respeito à diversidade e possibilitar o entendimento do grau de complexidade do processo de ensino-aprendizagem.

Podemos afirmar que, segundo Ferreira (1984), a Educação Física pode ser feita para manter e reproduzir o modelo de sociedade dominante, seguindo regras de obediência, disciplinadora e de submissão dos corpos, passando a gerar a ideia de sociedade competitiva.

Por outro lado, a mesma Ferreira (1984) afirma que a Educação Física pode e deve estar amparada na perspectiva da transformação, onde o estudante passará a refletir sobre a realidade do ponto de vista da percepção do ser humano, como um ser que constrói conhecimento a partir da sociedade e do mundo do qual faz parte. A Educação Física deve ter práticas socialmente desenvolvidas e que possibilite a construção coletiva do saber, a partir da criação e recriação de regras e formas alternativas de práticas corporais.

Outro elemento muito forte deste estudo é a descoberta da sistematização da autonomia de ação e a autogestão dos estudantes na forma de construir o conhecimento no processo de ensino-aprendizagem, de forma articulada, com a compreensão da linguagem corporal presentes nos PCNEM Educação Física (1999) aqui citados.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio códigos e linguagens e suas tecnologias**. Ministério da Educação, Brasília, 1999.

FERREIRA V. L. C. **Prática da Educação Física no 1º grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?** São Paulo. IBRASA, 1984.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

KUERZER. A. Z. **Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3ed. São Paulo: Cortez. 2002.

LOPES, A. C. & MACEDO, E. **Currículo: debates contemporâneos**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACÊDO, E. **Currículo: política, cultura e poder**. Currículo sem Fronteiras, V.6, n.2, PP.98-113, Jul/Dez. 2006

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portal MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 30/10/2009

MORREIRA, A. F. B. & SILVA, T. T. (org); **Currículo, cultura e sociedade**. Trad. de Maria Aparecida Baptista – 10ed. São Paulo: Cortez, 2008

PACHÊCO, J. A. **Escritos curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. trad. Ernani F. da F. Rosa. 3ª Ed. Porto Alegre: ArtMed. 2000.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, Celi N. Z.; VARJAL, E.; FILHO, L. C.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Coletivo de autores: Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.